

ACÇÃO POLÍTICA E RENOVAÇÃO DA CULTURA ESCOLAR DOS JESUÍTAS PORTUGUESES NO NORDESTE DO BRASIL NO SÉCULO XX

MARIA JURACI MAIA CAVALCANTE*

Introdução

Em função da expulsão da Companhia de Jesus pelos republicanos, juntamente com todas as outras ordens religiosas de Portugal, é concebida e iniciada a *Missão Setentrional da Província Portuguesa Dispersa*, dirigida a vários lugares de destino, entre os quais estaria a antiga colônia do Brasil, onde a Companhia de Jesus baseara grande parte do seu projecto de cristianização, no período colonial. Segundo a memória histórica dos jesuítas, como é o caso de AZEVEDO(1986), que apresentaremos aqui de modo conciso, porém detalhado, a decisão de migrar para o Brasil, no início do século XX, conta com o forte apoio de figuras do Clero da Bahia, onde a Ordem viria a fundar o *Colégio António Vieira* e a sede da Província dos Jesuítas Portugueses, na cidade de Salvador, estendendo-a depois para Belém do Pará, São Luís do Maranhão e Recife, em Pernambuco – com o apoio de Dom Sebastião Leme da Silveira e Cintra, seu Bispo - onde fundam o *Colégio Manoel da Nóbrega* e uma Residência.

Em 1919, chegam a Fortaleza, no Estado do Ceará, através de acordo entre o superior da Missão, Padre António Pinto, e do Bispo daquela localidade, Dom Manoel da Silva Gomes, para instalar um Noviciado e Casa de Formação. A instalação da Ordem se dá, portanto, nas capitais do Nordeste e Norte brasileiro, palco da colonização portuguesa e ação missionária da Companhia de Jesus, antes que ocorresse a sua expulsão pelo Marquês de Pombal, em 1759.

No Ceará, os principais marcos da presença dos Jesuítas portugueses e brasileiros, ao longo do século XX, no âmbito de sua ação pastoral e educacional, podem ser assim resumidos: 1) Construção e organização de uma *Escola Apostólica na Serra de Baturité/Sítio Olho D'água*, cuja construção foi iniciada em 1922 e sua inauguração dada em 1929; 2) Estabelecimento de uma *Residência dos Jesuítas em Fortaleza*, projeto que dará lugar também à *Igreja e depois Paróquia do Cristo-Rei*, na Aldeota, bairro de expansão da zona central e mais antiga de Fortaleza, onde teve início a Casa de Retiros/Exercícios Espirituais, a Pré-Escola, Escola-Externato e Ginásio, que

* Universidade Federal do Ceará, Doutora, Bolsa PQ-CNPQ

seria transformado depois em colégio; 3) Criação de um Colégio, no ano de 1960, em Fortaleza (*Colégio Santo Inácio*), depois transferido da rua Gonçalves Ledo para a Avenida Desembargador Moreira/ Bairro de Dionísio Torres, em 1963, o qual existe até os dias atuais, tendo já formado várias gerações de alunos da escola fundamental e média, que formam em parte uma elite intelectual e política de destaque na cidade e no Estado do Ceará; 4) *Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*, na área de Mondubim em 27/06/1956, por decreto de Dom António de Almeida Lustosa, Arcebispo de Fortaleza. Nas duas paróquias, os Jesuítas organizam pastorais de jovens há décadas, na perspectiva de formação de católicos leigos e ampliação da fé católica junto à juventude.

Nesta primeira fase da investigação, temos nos dedicado ao levantamento de estudos históricos sobre a ação jesuítica, em particular, relacionados com os Jesuítas em Portugal e no Brasil, que tenha sido implementada no século XX, tema que nos interessa, em especial, por esse vínculo estabelecido com Jesuítas portugueses expulsos de Portugal com o advento da República, no ano de 1910. Gostaríamos de identificar nesta investigação, a ação educativa e cultural dos Jesuítas no Ceará, no século XX, através da criação de seminários, paróquias, residências e colégios; verificar se houve a criação, circulação e recepção de periódicos daquela Irmandade, como é o caso da *Revista Brotéria*, por exemplo, no meio religioso e educativo cearense, bem como a criação de novos periódicos, caso de *A Voz de Cristo Rei*, que começa a circular em Fortaleza, no ano de 1931.

A respeito da *Brotéria*, encontramos vários artigos do Padre Serafim Leite, ali publicados, que estão relacionados com a sua obra magna *História da Companhia de Jesus no Brasil, à época colonial*, editado em 10 volumes, os quais pretendemos examinar, sabendo que o próprio historiador – Padre Serafim Leite (1880-1969) migrou para o Brasil aos 15 anos de idade, onde viveu pelo Maranhão com familiares, até retornar a Portugal; lá chegando, decide entrar para a Ordem dos Jesuítas, em 1914, estudando para tanto com os Jesuítas proscritos radicados na Espanha, tomando parte, assim, da própria *Missão Setentrional da Província Portuguesa Dispersa*, onde teria sido preparado para vir a ser um dos principais historiadores da Companhia de Jesus no Brasil. Por essa razão, procuraremos explorar o seu percurso biográfico, ao lado de

alguns Jesuítas de destaque político e/ou intelectual no interior da referida Missão no Brasil.

Podemos dizer que os Jesuítas se ocupam de forma obstinada com o registro de suas ações, desde a fundação da Companhia, tanto com o objetivo de angariar apoios e simpatias por parte da Igreja e meio católico, quanto para se defender dos seus opositores. As famosas cartas de Inácio de Loyola e a função que tinham no âmbito da administração e controle exercido por ele, sediado em Roma, sobre as Missões enviadas ao Oriente, Europa e América, desde o século XVI, deram origem a uma prática que favoreceu a formação de arquivos e, conseqüentemente, de informações minuciosas sobre a memória e a história da Irmandade.

Além disso, pela preocupação com a formação teológica e a prática dos famosos “exercícios espirituais” nela implícita, favorecem o refinamento intelectual de seus integrantes e o gosto ou responsabilidade de alguns jesuítas pela história religiosa e da Companhia de Jesus em particular. No que se refere à memória histórica dos Jesuítas no Brasil, Serafim Leite seria um bom exemplo, pela influência que teve inclusive sobre historiadores pioneiros da educação brasileira. Consideramos muito significativa a visão que ele tem da história missionária da Companhia de Jesus, ressaltando, por um lado, o coincidir da sua fundação com a expansão das navegações portuguesas, e, por outro, o desafio posto aos Jesuítas devido o contraste de nível cultural, medido em escala evolucionista, entre as populações por eles encontradas no Japão e no Brasil, a qual podemos apreciar em nota preliminar ao seu livro *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil(1549-1760)*.

O historiador português Oliveira Marques, em capítulo do livro *Nova História de Portugal – da Monarquia à República*, por ele coordenado e publicado em 1991, faz um balanço do grande peso social e ideológico da Igreja Católica, por ocasião da proclamação da República. Considerando-se o quadro por ele descrito, podemos imaginar o que representou para a Igreja Católica e os Jesuítas, em particular, a perseguição a eles dirigida por parte dos novos representantes políticos do País. *Os Proscritos* noticiam em dois volumes, que foram publicados, um em 1910, na Espanha, e o segundo, em 1914, na Bélgica, as circunstâncias “do que passaram os religiosos da Companhia de Jesus na revolução de Portugal em 1910”. Tiveram, segundo explicitam os próprios autores, na condição de padres da Companhia de Jesus, a função de auto-

defesa pública numa situação de exílio, razão pela qual tais escritos adquiriram grande ressonância social na época da terceira expulsão dos Jesuítas de Portugal, antecedida que foi pela de 1759, por Pombal e a de 1834, pelas forças liberais e constitucionalistas. Na condição de proscritos, os intelectuais jesuítas adotam a posição de vítimas da incoerência republicana. Esta posição dos Jesuítas portugueses inscrita naquela famosa obra ficará gravada na memória na Companhia, onde permanece até hoje, servindo ainda de importante fonte documental para os historiadores jesuítas de Portugal e do Brasil.

Uma apreciação da expulsão dos Jesuítas de Portugal abre o livro *A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste (1911- 1936)*, de autoria de Ferdinand de Azevedo, já citado acima, cujo valor maior reside no fato de ser escassa a historiografia publicada no Brasil sobre o assunto, mas também por conter uma dimensão retrospectiva daquele episódio, ao ser publicado em 1986, no Recife, e ter como autor um padre jesuíta que para narrá-la, se serve de cartas e outros documentos arquivados por sua vez pela própria Companhia de Jesus.

Para melhor percebermos como se dá a circulação da memória daquela Companhia, recorreremos também ao jesuíta Acácio Casimiro, que publica no Porto o livro *Fastos da Companhia de Jesus – Restaurada em Portugal (1829 – 1930)*, no ano de 1930. Já em seu índice o livro, escrito que foi com a função comemorativa de um século e de anais, traz os momentos que considera cruciais para evidenciar as diversas tentativas de restauração da Companhia de Jesus em Portugal: 1) 1829 – 1834 – Primeira Tentativa de Restauração; 2) 1834 – 1863 – Origens da Segunda Restauração; 3) 1863 – 1880 – Da Constituição da Missão à erecção da Província; 4) 1880 – 1910 – Da erecção da Província à sua Dispersão; 5) 1910 – 1930 – Do Ano da Dispersão ao Ano Jubilar.

O episódio a que se refere o Padre Casimiro, relativo ao desembarque dos jesuítas portugueses no Rio de Janeiro, é tratado também no livro do padre Azevedo, que se vale muito do libelo *Os Proscritos* para dar uma interpretação àquele fato, do ponto de vista da Companhia de Jesus, relacionando-o à pressão dos republicanos portugueses sobre o governo brasileiro.

O livro *Os Proscritos* teve a sua publicação organizada em dois volumes, sendo o primeiro editado em 1910, na Espanha, logo após o exílio dos Jesuítas portugueses, e

o segundo, em 1914, em Bruxelas, com 311 páginas. Se no primeiro volume é tratada a questão da expulsão da Companhia de Jesus pela República de Portugal, larga e detalhadamente, pelo Padre Cabral, nele também é feita uma veemente crítica aos republicanos pelo caráter alegadamente anti-democrático da decisão de reedição do decreto pombalino de 1759; no segundo volume, será enfatizada a busca pela difícil sobrevivência da *Província Dispersa* no estrangeiro, em especial nas *Terras de Santa Cruz*, como é tratado ali o Brasil, em passagem que enfoca o impedimento posto pelo governo brasileiro para o desembarque dos Jesuítas, sob suposta inspiração da maçonaria portuguesa.

Depois destas considerações, o Provincial dos Jesuítas portugueses prossegue o seu relato deste episódio, destacando que alguns católicos e até republicanos brasileiros se mostraram desfavoráveis à reprodução do clima de perseguição à Companhia de Jesus reinante em Portugal. Comenta o requerimento de um *Habeas Corpus* e a ocorrência de protestos da população contra a decisão do Presidente Nilo Peçanha, que considera como sendo os sinais do triunfo da liberdade religiosa. (Idem, p. 238-247). Mais à frente, o autor de *Os Proscritos* toma posição sobre o significado da tarefa dos Jesuítas Portugueses no Brasil, assentada que estava sobre a experiência colonial, dirigindo recomendações ao Padre António de Menezes, a quem caberia dirigir a Província em terras brasileiras.

O historiador António de Araújo (2009), em estudo mais recente, trata do episódio da barragem à entrada dos Jesuítas portugueses no Brasil republicano, com o intuito de traçar o perfil político radical do Presidente Nilo Peçanha e indicar a posição de outras autoridades civis e eclesiásticas e segmentos do povo em relação ao caso, em favor da entrada dos padres jesuítas. A posição de Araújo revela por sua vez a sua inclinação pela defesa da Companhia de Jesus, em sintonia com o ambiente da peleja ideológica publicada naquele libelo.

Acompanhamos, com a ajuda de Ferdinand de Azevedo, baseado no relato do próprio Padre Cabral e de cartas de outros jesuítas por ele consultadas, o modo como foi feita essa escolha do destino, os contatos para aquela negociação e a organização da viagem dos Jesuítas portugueses ao Brasil. Os percalços do desembarque evidenciam a suspeita de que teria havido no caso a interferência dos republicanos portugueses, através de matérias de jornais lisboetas e de telegramas

enviados aos jornalistas e políticos republicanos brasileiros, aliada à também suposta interferência do movimento maçônico. A propósito desse assunto, encontramos na coluna *Notícias do Paiz*, no jornal *Commercio do Minho*, de 15/11/1910, de orientação católica, a seguinte notícia, na primeira página:

O deputado brasileiro Valois de Castro impetrou o «habbeas crpus» a favor dos jesuítas portugueses Bento Rodrigues e Antonio Coutinho. Um comissão de senhoras entregou um protesto ao presidente da republica dr. Nilo Pessanha. Por outro lado, muitas lojas maçonicas felicitaram o presidente. Todavia o governo viu-se forçado a conceder o habbeas corpus requerido.

Os Jesuítas portugueses no Ceará e a ação conjunta da Igreja Católica.

Na década de 1930, o Padre António Paulo Cyriaco Fernandes, missionário de origem portuguesa, instalado na cidade do Recife, trata de uma viagem que realizara a Fortaleza, onde chega para tomar o trem com destino a Baturité, para conhecer a *Escola Apostólica da Companhia de Jesus*, instalada ali no final da década anterior. Sobre a dita viagem escreve um relato que será depois incorporado ao seu livro *Missionários Jesuítas no Brasil no Tempo de Pombal*, publicado no Rio Grande do Sul, em 1936.

Ao entrar no relato da sua viagem a Baturité, compreendemos porque o Autor se servira dos estudos do Barão de Studart, organizador de fontes para a fundação do Instituto Histórico do Ceará. O Padre António Fernandes se dedicara a esboçar o que chama de “reminiscências Jesuíticas”, onde busca demarcar a importância da ação missionária dos Jesuítas no Ceará colonial para levá-las aos apostólicos de Baturité. Ao final do seu relato, apresenta o resultado de sua consulta através da lista de missionários Jesuítas relacionados com a “Terra do Sol”, da qual, dada a sua extensão, destacamos apenas alguns nomes,: Padres António Vieira, Diogo Nunes, Estanislau Campos, Francisco de Lira, Francisco Pinto, Jacó Cachleo, Luiz Macedo, Luiz Figueira, Manuel Gomes, etc. (p.176-181) Chega o padre António ao relato de sua visita a Baturité, distante cem quilómetros de Fortaleza, a que chega de comboio, fazendo um comentário sobre o impacto que lhe causa a visão do prédio da Escola Apostólica.

Prossegue em seu memorial com uma descrição minuciosa e impressionada do edifício onde está instalada a *Escola Apostólica de Baturité* (p. 164), sobre a qual no ocuparemos a seguir, com base no relato do já citado Ferdinand de Azevedo. Este

Autor, ao se referir aos rumos que ia tomando aquela Missão no Ceará, salienta a aceitação da presença e o crescimento auspicioso do plano inicial dos Jesuítas portugueses proscritos de Portugal, tanto na sua capital, Fortaleza, quanto no município de Baturité.

Azevedo destaca também a personalidade forte e o empenho declarado do Arcebispo de Fortaleza, Dom Manoel em acolher a Irmandade dos Jesuítas, dando a ela tarefas apostólicas e educativas de sabida importância, no quadro de fortalecimento do Catolicismo no Ceará republicano, em processo firme de organização estratégica, através da tutela deliberada ao movimento operário, que envolve até mesmo a criação de uma cooperativa de crédito, além de contar com um jornal católico para publicar e defender o ideário católico por parte do Clero e da ala dos católicos laicos.

Aos Jesuítas será dada logo depois uma nova paróquia, por decisão do mesmo Arcebispo, quando eles procuram fixar uma residência da Companhia em Fortaleza. Azevedo traça a esse respeito um histórico sobre a presença anterior de um Jesuíta na cidade no século XIX, para depois explicar a existência de uma capela nomeada *São Luis Gonzaga*, onde está situada a casa em que os Jesuítas ficarão provisoriamente hospedados em Fortaleza, bem como de um plano para ampliação da referida capela por parte de um prestigiado padre lazarista.

O Autor passa então a explicar a origem papal do culto ao Cristo-Rei, remetendo o seu vínculo à encíclica escrita pelo Papa Pio XII e a indicar a fonte e montante de recursos financeiros necessários para a sua construção. A historiografia da religião portuguesa mais recente trata da questão, como é o caso de FONTES (2008/2009), ressaltando a importância da recorrência ao símbolo do Cristo Rei pelo Vaticano e sua disseminação pelo mundo inteiro através das instituições católicas, nas décadas de 1920 e 1930, como mensagem que pretende ser capaz de se contrapor a então crescente secularização das sociedades, e reforçar os valores morais e a fé do catolicismo e, ao mesmo tempo, liderar uma campanha mundial em prol da paz, após o fim da Primeira Guerra Mundial e de luta contra o comunismo em face do advento da Revolução Russa.

A Igreja do Cristo-Rei projetada para a cidade de Fortaleza, segundo Azevedo (1986:230), teve a sua “pedra fundamental benta e sentada, depois de uma missa campal na Festa da Ascensão, no dia 17 de Maio de 1928”. Seguindo as suas indicações, encontramos uma série de outras datas importantes acerca do processo de edificação

daquele templo. Assim, ele nos informa que, a 15 de março de 1929, Dom Manoel resolveu entregar a Igreja aos Jesuítas para que a concluíssem e que o Pe Paulino Vieilledent assumiu a sua administração. Ele afirma que “depois de gastos de mais de 50 contos de réis, ela ainda não estava pronta”. Diz ainda que por ocasião da “festa de inauguração, a 29 de maio de 1930, a torre estava inacabada”, tendo o Monsenhor Tabosa Braga como celebrante, em cerimônia acompanhada pelo Coro do Seminário Arquidiocesano e a Banda de Música do Círculo Operário Católico São José.

Um outro aspecto destacado pelo historiador jesuíta se refere ao impacto social que a construção da Igreja do Cristo-Rei teve na cidade de Fortaleza, na mesma época, especialmente, junto à colônia portuguesa nela radicada, que vinculará àquela igreja o culto voltado para Nossa Senhora de Fátima. Ao lado disso, a dificuldade financeira enfrentada pelos Jesuítas favoreceria a aparição de devotos e doadores, tornando-se também por esse aspecto um lugar de fortalecimento de laços entre os católicos fortalezenses.

Além dos componentes já salientados, Azevedo enfatiza que a Igreja do Cristo Rei construída em Fortaleza é um atestado de que a Missão dos Jesuítas portugueses no Ceará teria sido em muito alargada, adquirindo uma amplitude e receptividade não suspeitada pela Companhia de Jesus, quando houve a decisão de fundar uma Escola Apostólica em Baturité e uma Residência de apoio ao trabalho apostólico e educativo desejado na capital cearense, como ele próprio o afirma, acrescentando ainda a necessidade de redimensionamento da prática de retiros e exercícios espirituais recomendados pela irmandade inaciana.

A Casa de Retiros foi construída ao lado da Igreja do Cristo Rei, em prédio adequado, com capacidade de acolher dezenas de participantes interessados, em geral, integrantes da elite política e intelectual católica daquela cidade. Tratava-se de um trabalho de refinamento espiritual e intelectual daquela elite, estritamente masculina, em prol do fortalecimento do catolicismo no meio local e em todo o Estado do Ceará, definido como parte integrante do território da *Missão Setentrional da Província Portuguesa dos Jesuítas Dispersos*, com sede em Salvador, Bahia.

Segundo o Autor, a discussão sobre a necessidade de fundação de uma Escola Apostólica no Brasil não foi consensual. Além do mais, havia uma ala favorável à que a sua implantação se desse no Sudeste do País, que por sua vez se contrapunha àquela,

liderada pelo Padre Antonio Pinto que queria instalá-la no Nordeste, onde estava também radicada a sede da *Província dos Jesuítas Portugueses Dispersos*. Os jesuítas que se contrapunham à escolha da região nordeste também argumentavam a favor de São Paulo ou Minas Gerais, por razões de ordem econômica, tanto da região que integravam, quanto pelo poder aquisitivo das famílias dos possíveis candidatos a alunos da Escola Apostólica, que deviam assim pagar por essa formação.

Resumidamente, o autor conclui esta passagem do seu relato afirmando que os Jesuítas Portugueses receberam propostas para instalar a Escola Apostólica em Nazaré, Bananeiras (PB) e Sorocaba (SP). Mas, seria no município serrano de Baturité, no Ceará a sua instalação. A esse respeito, alude a uma carta do Pe Gonçalves ao Pe provincial, datada de março de 1923, expondo o seu ponto de vista, onde lembra os estragos causados em anos de seca no Ceará, salienta que São Paulo tem muito dinheiro, que os meninos/alunos do sudeste são oriundos “de famílias boas, que pagavam pelo colégio”, etc. Refere-se ainda que a previsão feita pelo padre Pinto era de 100 alunos. Diz também que teria havido uma doação ao Pe Pinto dirigida à construção da Escola de Baturité, por parte da Princesa Pia de Orleans e Bragança, por ocasião de uma ida sua à Europa. (p.185-186)

Em face de todos esses percalços, Azevedo comenta que aquela escola teve desde o início um histórico lastimável de falta de recursos. Mas teria, mesmo assim, continuado a funcionar por um longo tempo. (p. 194) Ao ficar pronto, o Colégio de Baturité apresentará uma dimensão colossal para o padrão arquitetônico da região em que se instala. Trata-se de um monumento que marcou dali em diante a passagem dos Jesuítas de modo a revelar a particularidade cultural de sua missão formativa, traço que é comum a todos os Colégios da Companhia, em Portugal, Brasil e Índia.

Fala da “pobreza” e dificuldade que caracterizaram a edificação e custeio da Escola como uma experiência edificante na formação do Jesuíta. Na sequência dos estudos de Azevedo sobre a *Missão Portuguesa*, relativos ao período compreendido entre 1936 e 1952, temos uma indicação da situação da Escola Apostólica de Baturité, no início da década de 1950, quando o Vice-Provincial é o Padre José Aparício da Silva(1948-1951) que pode ser resumida como uma “crise de vocações” e a “proposta de criação de um colégio” em Fortaleza, para substituí-la no papel de formação ao nível

dos estudos menores. Esta celeuma pode estar na raiz da criação posterior do Colégio Santo Inácio, que ocorrerá na década seguinte.

A atenção detalhada que demos ao livro de Ferdinand de Azevedo pode ser justificada pelo fato de representar uma das poucas iniciativas de estudos sobre a *Missão Setentrional dos Jesuítas Portugueses Dispersos* existentes. Por se tratar de uma iniciativa realizada por um historiador jesuíta, o referido estudo adquire uma feição de “memória” da Companhia de Jesus, que, se por um lado se beneficia das facilidades de acesso a arquivos documentais e testemunhos históricos, por outro lado, merece ser alargado, em função da posição defensiva e/ou apologética do Autor em muitas passagens, em especial quando emite juízos de valor sobre o significado apostólico e educacional daquela Missão para o Nordeste do Brasil, no período de 1910 a 1938, onde encerra o seu estudo. Não resta dúvida que Azevedo traz indicações valiosas sob diversos aspectos: 1) fontes documentais; 2) marcos cronológicos da história daquela Missão; 3) forças de resistência e apoio à ação pastoral e educativa dos Jesuítas Portugueses na região; 4) lacunas a serem preenchidas. Através de suas indicações, todavia, queremos propor uma releitura e localizar novas fontes e testemunhos para a realização da presente investigação, sob a perspectiva de um olhar externo à Companhia de Jesus e, dessa forma, balizado pelo rigor metodológico e distanciamento analítico e de escuta de outras fontes, que deve caracterizar os estudos históricos.

Uma cultura escolar como herança dos Jesuítas no século XX

Os nossos manuais de História Educacional tendem a mostrar a influência da cultura escolar dos Jesuítas como herança do tempo colonial. No presente estudo, fica evidente a sua renovação, em função do retorno daquela ordem religiosa ao Brasil no século XX, naquele ambiente histórico do republicanismo português e brasileiro.

Os resultados já obtidos permitem que sejam feitas algumas indicações a que chegamos até agora, com base na consulta historiográfica realizada em arquivos e bibliotecas de Braga, Lisboa, Fortaleza e Baturité, entre Agosto de 2009 e Agosto de 2010. Foi possível identificar três grandes e distintos períodos, relativos aos seguintes aspectos: 1) A presença dos Jesuítas Portugueses no Nordeste do Brasil, entre 1910-1936; 2) o seu retorno a Portugal, quando a atmosfera política no interior do regime ditatorial de Salazar torna possível uma reaproximação do Estado nacional com o

Vaticano, relações que haviam sido rompidas em 1910, e, na mesma medida, torna-se possível a entrada e reorganização das congregações religiosas; 3) a criação de uma Vice-Província dos Jesuítas no nordeste do Brasil vinculada à Província Portuguesa e, anos depois, de uma Província Nordestina dos Jesuítas Brasileiros, que em parte só terá sido possível devido o resultado do trabalho de formação da Escola Apostólica de Baturité; ressaltamos que quando a Província Jesuítica volta a ter a sua sede em Portugal, muitos dos Jesuítas portugueses já instalados no Nordeste brasileiro aí permaneceram.

Como já salientamos, a maior parte da literatura consultada até o momento constitui uma espécie de “memória histórica” da própria Irmandade e, especialmente, sob esta configuração será aqui inicialmente utilizada. Isto porque interessa a este estudo compreender, paralelamente, o modo como os historiadores jesuítas tratam o episódio de expulsão de Portugal e de estabelecimento no Brasil e, assim, representam a si mesmos, como alvo de perseguição do republicanismo português, a qual também lhes serve, por outro lado, como lugar de vitimação e de observação privilegiada daqueles acontecimentos, a qual funcionará como uma espécie de motor de aceleração mística para a posterior reconstrução da Companhia de Jesus.

Na fase seguinte deste estudo, a perspectiva histórica dos Jesuítas será confrontada com outras fontes, que permitam um entendimento mais amplo acerca do impacto da presença dessa Irmandade na política e educação brasileira do período enfocado. Nesse sentido, interessa-nos desenvolver uma perspectiva comparada, tanto do ponto de vista do necessário confronto entre discursos políticos, que opõem em Portugal, Jesuítas e Republicanos, quanto por contraste os aproximam, no interior da Primeira e Segunda República do Brasil. Levaremos em consideração também a recepção da Igreja Católica brasileira aos Jesuítas Portugueses achegados ao Nordeste, região que lhes favoreceu como uma das Congregações Religiosas responsáveis, nessa região, pela educação católica de leigos e religiosos, no contexto da luta travada pela Igreja Católica para assegurar o seu lugar no debate do Estado nacional sobre a reforma educacional então em curso, levado em meio a disputas de forças políticas que, no Brasil republicano, além de opor a nível partidário segmentos liberais, integralistas e comunistas, dividiam o meio intelectual e educacional entre católicos, positivistas e militaristas.

Referências e consultas

ALMEIDA, Fortunato. *História da Igreja Católica em Portugal*. 4 volumes. Porto, Livraria Civilização, 1970-71.

ALVES, António Martins.(Org.) *Jesuítas para os nossos tempos: cartas e conferências do padre Arrupe*. Porto, Livraria A.I., Braga, Editorial A.O., s/d.

ARAUJO, António de. *Jesuítas e Antijesuítas no Portugal Republicano*. Lisboa, Editora Roma, 2009.

ASSUMPÇÃO, T. Lino (Coord.) *História Geral dos Jesuítas*. Lisboa, Moraes editores, 1982, 2ª edição. (677 p.)

AZEVEDO, Ferdinand. *A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste Brasileiro (1911 – 1936)*. Recife, Fundação António dos Santos Abranches, 1986.

_____ *Procurando sua identidade: a difícil trajetória da Vice-Província do Brasil Setentrional da Companhia de Jesus, nos anos 1937-1952*. Recife: FASA, 2006 (293 p.)

AZEVEDO, Padre Luis Gonzaga de S.J.. *Proscritos (Jesuítas na revolução de 1910)*. 1ª e 2ª Parte). Notícias circunstanciadas do que passaram os religiosos da Companhia de Jesus na revolução de Portugal de 1910. Bruxelas, Tipografia E. Daem, 1914. (311 páginas)

BRESCIANI, Carlos. S.J.(Org.) *Companhia de Jesus – 450 anos a serviço do povo brasileiro*. Edições Loyola, São Paulo, 1999. (293 p.)

CARVALHAIS, José. (Coord). *80 Anos na Educação (1912-1992)*. Instituto Nun'Alvres – “O NOSSO COLÉGIO” – Número Comemorativo. Redactor e Coordenador: José Carvalhais, S.J.. Caldas da Saúde, 1992. (Composto e Impresso na Tilgráfica- Braga) . (148 páginas)

CARVALHO, José António Ribeiro de. *Católicos nas Vésperas da I República – Os Jesuítas e a Sociedade Portuguesa: O Novo Mensageiro do Coração de Jesus (1881-1910)*. Porto, Civilização Editora, em 2008. 308 páginas.

CASIMIRO, Acácio. *Fastos da Companhia de Jesus – Restaurada em Portugal (1829 – 1930)*, Porto, s/e, 1930.

CORDEIRO, Padre António da Costa.S.J.. *Jubileu do Colégio do Barro (1860-1910)*. *Notícia Histórica de sua fundação e Ministerios até o Anno Presente*. Braga, Comp. E imp.-Typ. A vapor de Augusto Costa & Mattos, 1910. (236 p.)

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA RELIGIOSA DE PORTUGAL . (J-P). Direcção de Carlos Moreira Azevedo. Círculo de Leitores S.A. e Centro de Estudos de história Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Verbete: Jesuítas, por Nuno da Silva Gonçalves., (p.21-30)

DICIONÁRIO HISTÓRICO DE LA COMPANIA DE JESUS. Biográfico –Temático III. Directores: Charles E. O’Neill, Dominguez, Joaquín, SJ. Roma, Institutum Historicum; Madrid, Universidade Pontificia Comillas, 2001. (pp. 2326 – 2327)

FEITOSA, Aécio. *Alguns Aspectos do discurso pedagógico da Companhia de Jesus no Brasil*. Coimbra, Fac. de Psicologia e Ciências da Educação, 1985.

FERNANDES, Padre António Paulo C.. *Missionários Jesuítas no Brasil no tempo de Pombal*. Prefácio de Tristão de Ataíde; Porto Alegre, Edição Livraria do Globo/Barcelos, Bertoso & Cia/Filiais Santa Maria e Pelotas, 1936.

FRANCO, José Eduardo. *O MITO DOS JESUÍTAS; EM PORTUGAL, NO BRASIL E NO ORIENTE (Séculos XVI a XX)*. Lisboa, Gradiva, 2006/2007. 2 volumes. 1090 páginas.

FRANCO, José Eduardo/ VOGEL, Christine. *Monita Secreta - instruções secretas dos Jesuítas: história de um manual conspiracionista*. Lisboa, Roma Editora, 2002.

GONÇALVES, Miguel/BIZARRO, Carlos (Org.) *Repensar a Escola Hoje: o contributo dos Jesuítas*. Braga, Universidade Católica Portuguesa/Faculdade de Filosofia, 2007. (518 p.)

FONTES, Paulo. *A Institucionalização da Acção Católica Portuguesa e a Festa de Cristo-Rei*. In: *Correntes Cristãs, Política e Missionaçã nos séculos XIX e XX. Lusitania Sacra*, Centro de Estudos de História Religiosa/Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2007/2008.

FREIRE, João Paulo. *Quem são os Jesuítas! A Origem Muçulmânica da Companhia de Jesus*. Autor: João Paulo Freire. Estudo feitos sobre o Ensaio de Victor Charbonell. Edição do autor/Tip. E Enc. Domingos de Oliveira. Porto, 1945. (89 páginas)

GRAINHA, Borges. *Fraternidade e Justiça*. Arganil/PT: Editorial Moura Pinto, 2003.

História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus. (Original em latim/Tradução e Prefácio Prof. Borges Grainha). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913. (148 p.)

Ideário dos Colégios da Companhia de Jesus em Portugal. Vila Nova de Famalicão, Companhia de Jesus, Centro Gráfico, 1980. (37 páginas)

LACOUTURE, Jean. *OS JESUÍTAS – O Regresso*. (Vol.2) Lisboa, Editorial Estampa, 1993. 611 páginas.

LEITE, Serafim. *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil(1549-1760)*. Autor: Serafim Leite, S.J.. (prefácio do autor de 1965). Braga/PT, Livraria A.J. (Apostolado da Imprensa), 1993. (291 p.)

LOPES, José Manuel Martins. S.J.. *Projecto Educativo dos Colégios da Companhia de Jesus – Fundamentos e Finalidade: AMDG*. Braga, Editorial A.O., INA – Caldas da Saúde, Gracos, 1997. (196 p.)

MADUREIRA, Arnaldo. *A Questão Religiosa na I República*. Lisboa, Livros Horizontes, s/d.

_____. *A Igreja Católica na Origem do Estado Novo*. Lisboa, Livros Horizonte, s/d.

MARQUES, A.H. de Oliveira.(Coord.) *Nova História de Portugal . Portugal – da Monarquia para a República*. (Vol. XI). Lisboa, Editorial Presença, 1991. (839 páginas). (Capítulo XII – Igreja, Igrejas e Culto)

PAULO, Heloisa. *Aqui também é Portugal. A Colónia Portuguesa do Brasil e o Salazarismo*. Coimbra, Quarteto Editora, 2000. (624 p.)

RODRIGUES, Francisco. *Jesuitophobia – resposta serena a uma diatribe*. Porto, Typographia Luzitania Edit., 1917. (335 p.)

_____. *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões*. Porto, Livraria do Apostolado da Imprensa, 1935.

ROSAS, Fernando/ROLLO, Maria Fernanda (Org.). *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa, Tinta da China, em 2009, 614 páginas.

SANTANA, Francisco. *Os Jesuítas Portugueses exilados na Itália*. Edições Brotéria, Lisboa, 1970. Separata da Brotéria, vol. XC 398-408, 1970. Tipografia Porto Médico Lta – Porto.

WRIGHT, Jonathan. *OS JESUITAS: Missões, Mitos e Histórias*. Lisboa, Quetzal Editores, 2005. 362 páginas.